Dia 9 — A Dedicação da Igreja do Salvador, chamada comumente São João de Latrão

Martirológio Romano

A dedicação da Basílica do Salvador, em Roma. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio de São Teodoro, soldado, em Amaséia, no Ponto; o qual, no tempo do imperador Maximiano, foi cruelmente açoitado por ter confessado a Cristo; depois disto, estando no cárcere, apareceu-lhe o Senhor exortando-o à constância e fortaleza, com o que cobrou novo valor e sofreu que, estendido no potro, lhe despedaçassem as carnes com unhas de ferro até verem-se-lhe as entranhas, e desta sorte o lançaram numa fogueira para ser queimado. Gregório de Nissa fez dele um excelente panegírico. (Foi o martírio deste Santo pelos anos de 304. Era muito célebre e tido em grande veneração em todo o Oriente pelas assinaladas vitórias que alguns imperadores alcançaram dos bárbaros por sua intercessão. Por isso lhe edificaram templos, e iam os fiéis em romaria visitar o corpo de São Teodoro na cidade de Eucaita; e em Roma também se lhe edificou igreja, que ainda subsiste e é título de cardeal diácono. Note-se que este santo mártir Teodoro é chamado Tirão ou Tiro, que significa soldado novato, à diferença de outro Teodoro também mártir, que foi centurião ou capitão; chama-se igualmente Teodoro Amaseno, do nome da cidade em que padeceu martírio. Na cidade de Veneza, diz o bispo Equilino, está o corpo de São Teodoro, na igreja de São Salvador; mas não é o deste, e sim do outro, o centurião, por sobrenome Estratilates, que morreu em Heracleia martirizado no tempo de Licínio.)

O martírio de São Orestes, em Tiana, na Capadócia, no tempo do imperador Diocleciano. (Foi cruelmente açoitado, depois lhe atravessaram os calcanhares com cravos e então o arrastaram até que expirou. São Basílio Magno era particular devoto deste santo Mártir, em cuja advocação ergueu uma igreja na mesma cidade da Capadócia.)

Santo Alexandre, mártir, em Tessalônica, no tempo do imperador Maximiano. (Tendo sido arrastado até onde se achava um altar de ídolos, deu um pontapé no altar, e este e os ídolos rodaram pelo chão. Indignado, Maximiano mandou que logo fosse degolado. Mas, ao levantar o verdugo a faca, ficou parado: repreendeu-o o Imperador por sua torpeza, e ele respondeu que uma força sobrenatural lhe impedia o uso do braço. Alexandre pôs-se então em oração e, passada uma hora, foi-lhe cortada a cabeça e voou seu espírito a Deus. Era o ano 304.)

Santo Ursino, confessor, em Bourges, ordenado em Roma pelos sucessores dos Apóstolos e destinado para primeiro bispo daquela cidade.

Santo Agripino, bispo, em Nápoles da Campânia, esclarecido em milagres. (Foram estes tão numerosos que um contemporâneo seu escreveu todo um livro deles, ao qual se refere Ferrari no catálogo dos Santos da Itália.)

As santas virgens Eustólia, Romana e Sopatra, filha do imperador Maurício, em Constantinopla. (Era Eustólia uma nobre romana e, tendo conhecido em Constantinopla, de regresso de Jerusalém, a virgem Sopatra, filha do imperador Maurício, resolveram viver ambas em solidão. O Imperador fundou então um célebre mosteiro em Constantinopla, o qual deu às duas esposas de Cristo, que o puseram sob a regra de São Basílio.)

A comemoração da Imagem do Salvador, em Beirute, na Síria, que, sendo crucificada pelos judeus, derramou tanta cópia de sangue que as igrejas do Oriente e do Ocidente tomaram dele com abundância. (Corriam os anos de 765 quando uns judeus que viviam em Beirute ou Berito, cidade da Síria, puderam apoderar-se de uma imagem de Jesus Cristo e, renovando contra o divino Salvador todo o ódio de seus pais, cometeram com ela uma infinidade de ultrajes e finalmente a crucificaram. Cravada já em cruz a imagem, começou a derramar tanto sangue por suas feridas que, divulgado o milagre, correram os Cristãos, recolheram-no e, posto em frasquinhos, o distribuíram entre várias igrejas do Oriente e do Ocidente. Este milagroso sucesso foi celebrado logo pelos fiéis em justo desagravo a Jesus Cristo, e o sétimo Concílio geral, celebrado em Niceia pelos anos de 787, dispôs que todos os anos, no dia 9 do mês de novembro, se celebrasse esta festa com a mesma solenidade que a do Natal do Senhor e a da Páscoa. Concílio II de Niceia, sess. 4.)

A Dedicação da Igreja do Salvador, chamada comumente São João de Latrão

Celebra hoje a santa Igreja a primeira solene dedicação dos templos consagrados a Deus que se fez na cristandade, e foi a daquela célebre igreja que o imperador Constantino mandou erigir em

Roma, pelo princípio do quarto século, em seu mesmo palácio de Latrão, sobre o monte Célio, a qual se chamou a igreja do Salvador por ter-se dedicado em honra sua.

Ainda que o culto que devemos a Deus não está ligado a um sítio mais que a outro, e ainda que em todo lugar podem e devem adorá-lo em espírito e em verdade os verdadeiros fiéis, como se explica o mesmo Salvador, sem que já seja mister subir ao monte ou ir a Jerusalém para adorá-lo, pois em todas as partes está presente o Senhor, quis não obstante escolher na terra alguns sítios onde se lhe oferecessem sacrifícios e ter entre nós, por assim dizer, algumas casas para receber nossas visitas, ouvir nossas súplicas, receber e despachar nossos memoriais. Escolheu o monte de Moriá para que Abraão lhe sacrificasse seu filho Isaac e no mesmo quis ser singularmente honrado e glorificado, inspirando a Salomão que edificasse nele aquele magnífico e santo templo de Jerusalém, único lugar destinado para os sacrifícios. Tendo-se ficado dormindo Jacó no caminho de Bersabeia a Harã, quando despertou, depois da visão que teve, exclamou todo assombrado: *Verdadeiramente que este lugar é terrível! Não é outra coisa que a casa de Deus e a porta do céu: non est hic aliud nisi domus Dei et porta cæli.* (Gn 28.)

Quando Deus levantou a mão do açoite com que quis castigar a vaidade de Davi, mandou-lhe erigir um altar na eira de Ornã, o jebuseu, e oferecer-lhe nele holocaustos e hóstias pacíficas. Invocou nele o Senhor o piedoso Monarca, e o Senhor o ouviu, fazendo descer fogo do céu sobre o altar do holocausto. (1Cr 21,26.) Vendo Davi que Deus aprovava seu sacrifício com aquela maravilha, não duvidou de que aquele era o sítio destinado por Deus para a edificação do templo e de que com aquele milagroso sinal lhe dava a entender que escolhia aquele lugar para casa sua e para que se erigisse ali o altar dos holocaustos. *Dixitque David: Hæc est domus Dei, et hoc altare in holocaustum Israel.* O mesmo Príncipe, homem segundo o coração de Deus, resolveu edificar um templo ao Senhor e para isso fez grandes prevenções; mas o mesmo Senhor lhe deu a entender que a honra e a ventura de executar aquela grande obra estava reservada para seu filho, e não para ele. «Desde que livrei meu povo do cativeiro do Egito (disse-lhe Deus), em nenhuma das tribos de Israel escolhi cidade alguma onde se fabricasse uma casa para mim: *ut ædificaretur in ea domus nomini meo.* (2Cr 6.) Sempre vivi debaixo de tendas de campanha, mudando cada dia os sítios onde se levantava meu pavilhão: *Neque enim mansi in domo ex eo tempore quo eduxi Israel usque ad diem hanc, sed fui semper mutans loca tabernaculi in tentorio.* (1Cr 17.) Mas não serás tu o que me hás de edificar esta casa: teu filho será o que erigirá uma casa a meu nome: *Ipse ædificabit domum nomini meo.*» Tendo, pois, edificado Salomão aquele magnífico templo, maravilha do mundo, na cidade de Jerusalém, sobre o monte Moriá, que significa monte de visão, aonde Abraão levou seu filho Isaac para sacrificá-lo ao Senhor, quis celebrar sua dedicação.

Nunca chegou a mais alto ponto a magnificência que quando aquele grande Rei fez aquela augusta cerimônia, a qual durou por espaço de oito dias. Sacrificou Salomão, durante a solenidade, vinte e dois mil bois e cem mil carneiros, com o que, assim o Rei como o povo (diz a Escritura), dedicaram a casa do Senhor: *Et dedicavit domum Dei rex et universus populus.* (2Cr 8.) É, pois, a dedicação aquela sagrada cerimônia que se celebra quando se dedica uma igreja ou um altar, cuja festa se repete todos os anos com o nome de dedicação; costume que, observado tão religiosamente pelos judeus na Lei antiga, não foi menos comum entre os Cristãos na nova Lei.

Lemos em Eusébio que o maior gozo e a maior glória de toda a Igreja foi quando o grande Constantino, primeiro imperador cristão, permitiu que em todo o Império se erigissem templos ao verdadeiro Deus, o que até então haviam proibido os imperadores gentios seus predecessores; de sorte que por mais de trezentos anos não tiveram os Cristãos liberdade para juntar-se senão em segredo e em lugares subterrâneos, onde cantavam os louvores do Senhor e celebravam o santo sacrifício da missa. É verdade que sempre, desde o mesmo nascimento da Igreja, houve casas particulares e sítios ocultos particularmente destinados para que os fiéis se juntassem neles, os quais se chamavam oratórios, onde, apesar das mais furiosas perseguições, concorriam a ouvir a palavra de Deus e a ser participantes dos divinos mistérios; mas que gozo universal e que glorioso triunfo seria o de toda a Igreja quando o piedoso Imperador, não contente com mandar demolir ou fechar os templos dos gentios, ordenou que se erigissem em todas as partes ao verdadeiro Deus! Então, diz Eusébio, em todas as cidades do Império se viram levantar novos e soberbos templos dedicados ao verdadeiro Deus, ou converter-se em igrejas, depois de purificados, os mais suntuosos e magníficos da antiga gentilidade, reputados por maravilhas da arte, sem contar os que se ergueram sobre a ruína destes mesmos, não menos soberbos que os primeiros; sendo todos como outros tantos primorosos monumentos do glorioso triunfo que a Igreja conseguiu do gentilismo.

Mas este gozo e este triunfo sobressaía principalmente na dedicação de todos aqueles templos espalhados pelo universo, a qual em todas as partes se celebrou com tanta solenidade, com tanto concurso e com tanta magnificência que em nada cedia à que viu a Lei antiga na dedicação do templo de Jerusalém.[^1] O mesmo Eusébio, que foi testemunha de vista, explica-se desta maneira: Era espetáculo terno e largo tempo desejado a solenidade e a devoção com que em todas as partes se celebrava a dedicação de nossas igrejas: *Post hæc votivum nobis ac desideratum spectaculum præbebatur, dedicationum scilicet festivitas per singulas urbes, et oratoriorum recens structorum consecratio.* Concorriam das províncias grande número de bispos para autorizar e fazer mais célebre a solenidade: *Ad hæc conventus peregrinorum episcoporum, ab externis et dissitis regionibus concursus.* Naquela concorrência de gentes de tão diversas nações mostrava bem a caridade dos fiéis, que naqueles templos terrenos e materiais consideravam como uma imagem da junta dos bem-aventurados no céu, onde incessantemente estão cantando louvores ao Senhor; pois todos os fiéis se viam e se juntavam numa mesma caridade e na unidade de uma mesma fé para formar um corpo místico, cuja cabeça e alma é Jesus Cristo: *Populorum mutua inter se charitas ac benevolentia, cum membra corporis Christi in unam compaginem coalescerent.* O bispo que edifica uma igreja e a consagra (prossegue o mesmo) é perfeito imitador de Jesus Cristo e edifica como ele um templo na terra que é imagem do que os Santos e os Anjos compõem no céu: *Ad eumdem modum hic noster pontifex, totum Christum, qui verbum, sapientia et lux est, in sua ipsius mente tamquam in imagine gestans, dici non potest quanta cum animi magnitudine hoc magnificum Dei Altissimi templum, quod sub aspectum cadit, ad exemplum præstantioris illius templi, quod oculis cerni non potest, quam fieri potuit simillimum fabricavit.* Isto que nos diz Eusébio nos ensina que toda a magnificência, toda a majestade que vemos em nossas igrejas e todas as cerimônias com que se consagram são misteriosas e representam o glorioso corpo de Cristo, depois de sua ressurreição, vestido de glória, ostentando seu domínio sobre toda a terra, comunicando sua nova vida aos fiéis e desejando levantá-los consigo ao céu, para que o céu e a terra formem um mesmo templo, sendo os Anjos e os homens templos vivos de Deus: *Vos estis templum Dei vivi*; e eternamente o bendigam, sacrificando-se como ele à glória de seu Pai. O

mesmo historiador nos refere muitas célebres dedicações que se fizeram logo que se edificaram muitas magníficas igrejas, para cujo adorno concorreu a liberalidade do religioso Imperador com o mais rico e mais precioso que se encontrava no Império: *Basilicam omnem regaliter donariis magnifice exornavit.*

Mas nenhuma mais célebre que a primeira, e foi a daquela magnífica igreja do Salvador em Roma, chamada comumente a Basílica de São João de Latrão, cuja memória solemniza hoje a santa Igreja. O cardeal Barônio, seguindo a São Jerônimo, diz que o sítio do monte Célio, onde se edificou a igreja e palácio de Latrão, pertencia aos herdeiros de Plauto Laterano, rico cidadão romano e eleito cônsul, a quem Nero mandou tirar a vida. O imperador Constantino doou este palácio ao papa Melquíades, que no ano 313 celebrou um concílio de dezoito bispos sobre a causa de Ceciliano contra os Donatistas. Tendo sucedido a São Melquíades o papa São Silvestre no ano 314, granjeou tanto o conceito e a estima do Imperador que, achando-se em Roma, por conselho do mesmo Santo mandou se edificassem templos ao verdadeiro Deus em toda a extensão de seu império, ao que o mesmo Imperador quis dar exemplo, fazendo-se erigir à sua custa no palácio de Latrão a magnífica igreja que São Silvestre consagrou, dedicando-a ao Salvador, não só porque se deixou ver sua imagem pintada milagrosamente na parede, como diz o Breviário romano, mas porque Jesus Cristo é a cabeça da Igreja. Dotou Constantino esta igreja com terras e possessões de grandes rendas; enriqueceu-a com vasos, alfaias e outros preciosos ornamentos e consignou fundos consideráveis para a conservação das lâmpadas e manutenção dos ministros. Celebrou-se a dedicação com toda a magnificência e solenidade imaginável, cujo aniversário é o que hoje solenizamos. Esta famosa igreja, reputada sempre por mãe de todas as demais, teve diferentes nomes. Chamou-se a Basílica de Fausta, que em grego significa palácio real, porque a princesa Fausta teve seu palácio naquele sítio. Depois a Basílica de Constantino, porque Constantino a edificou; mais adiante a Basílica de São João de Latrão, pelas duas capelas que se ergueram no batistério, dedicadas uma a São João Batista e outra a São João Evangelista. Com o tempo chamou-se a Basílica de Júlio, por tê-la aumentado consideravelmente o papa Júlio I. Mas o maior e mais famoso de todos os seus nomes é o de Basílica do Salvador, com cujo título se celebrou sua dedicação.

Aliás, esta igreja é em rigor a cadeira própria do Pontífice romano, sucessor de São Pedro e, por conseguinte, a primeira igreja do mundo em dignidade. Está entre as duas igrejas de São Pedro e São Paulo, que são como seus dois braços, com os quais abraça todas as igrejas do mundo para uni-las e estreitá-las em seu seio, como em centro indivisível de unidade. Assim se explica o venerável Pedro Damião escrevendo contra o cismático Cadaloo. Assim como esta igreja, diz aquele célebre Cardeal, tem o título do Salvador, que é cabeça de todos os predestinados, assim também é ela mesma como mãe, coroa e perfeição de todas as igrejas da terra: *Hæc enim ad honorem condita Salvatoris, culmen et summitas totius christianæ religionis effecta.* Ela é a igreja das igrejas e como o Santo dos santos delas. *Ecclesia ecclesiarum et Sancta sanctorum. Habet quidem intrinsecus beatorum apostolorum Petri et Pauli, diversis quidem locis, constitutas ecclesias; sed sui compagine sacramenti, quia videlicet in quodam meditullio posita, quasi caput membris supereminet, indifferenter unitas. His itaque tamquam expansis divinæ misericordiæ brachiis, summa illa et venerabilis ecclesia omnem ambitum totius orbis amplectitur, omnes qui salvari appetunt in materno pietatis gremio confovet et tuetur.* Desde este augusto templo, como desde um castelo inconquistável (acrescenta o mesmo Cardeal), Jesus Cristo, soberano Pontífice,

une os fiéis de todo o universo, para que se possa dizer com verdade que não há mais que um só Pastor e uma só Igreja: *Hac Jesus, summus videlicet pontifex, arce subnixus, totam in orbem terrarum Ecclesiam suam sacramenti unitate consociat, ut unus Pastor merito et una dicatur Ecclesia.*

Sendo esta igreja a que em ponto de consagração tem a preeminência; aquela onde o nome de Jesus Cristo se pregou pela primeira vez francamente e com plena liberdade; aquela onde a fé triunfou gloriosamente de todas as perseguições e de todo o poder do paganismo armado contra ela; aquela onde, nesta dedicação, ostentou aos olhos de todo o mundo o mais magnífico, o mais augusto triunfo que se viu jamais na terra, era justo que todos os anos se renovasse sua memória para render graças a Deus por tão assinalado benefício; e este é o assunto da presente solenidade.

Sempre se reputou a igreja de São João de Latrão como a primeira cadeira dos Sumos Pontífices; e como tal, por cabeça e mãe de todas as igrejas da cristandade, como o significam estes dois versos gravados num mármore antigo que se registra sobre seu pórtico:

> *Dogmate papali datur simul et imperiali, Ut sim cunctarum mater et caput ecclesiarum.*

O mesmo se lê em outra inscrição em prosa, a qual diz que a sacrossanta igreja de São João de Latrão é mãe e cabeça de todas as igrejas do mundo: *Sacrosancta Ecclesia Lateranensis, omnium ecclesiarum mater et caput.* Dois incêndios padeceu esta igreja, um no ano de 1308, no pontificado de Clemente V, e outro no de 1361, no de Inocêncio VI, e em ambos foi vantajosamente reparada, adornada e enriquecida. No primeiro viu-se com exemplar admiração que as mesmas senhoras romanas puxavam os carros carregados de pedra para lograr o mérito e a glória de contribuir à reparação daquela primeira Basílica do mundo cristão, como a chama o papa Gregório IX. Antigamente os cônegos de São João de Latrão eram regulares; mas foram secularizados por Sisto IV no ano de 1471. Os reis da França têm a apresentação de duas prebendas, em consideração dos grandes benefícios que fizeram à igreja. Na de São João de Latrão se celebraram cinco concílios gerais e outros muitos particulares. O primeiro e nono dos ecumênicos convocou-se no ano de 1122, no pontificado de Calisto II, e acharam-se nele trezentos bispos. O segundo e décimo geral, o de 1139, no tempo do papa Inocêncio II, contra o antipapa Pedro de Leão e os erros de Arnaldo de Bréscia, discípulo de Pedro Abelardo, em que presidiu o mesmo Pontífice à frente de mil prelados. O terceiro, composto de trezentos bispos, no tempo de Alexandre III, no ano de 1179. O quarto e undécimo geral foi convocado pelo papa Inocêncio III no ano de 1215: assistiram em pessoa os patriarcas de Constantinopla e de Jerusalém, e por seus deputados os de Alexandria e Antioquia, tendo-se achado no concílio setenta e um arcebispos, trezentos e quarenta bispos e mais de oitocentos abades ou priores. Foram condenados nele os Albigenses, juntamente com os erros de Amalrico e do abade Joaquim. O quinto começou no ano de 1512, no pontificado de Júlio II, e não se concluiu até o de 1517, no de Leão X, sendo o décimo terceiro ecumênico geral.

Ordenou São Silvestre que daí em diante não se pudesse celebrar o sacrifício da missa senão no altar de pedra, porque depois dos Apóstolos e até seu tempo, por causa das perseguições, como só

se dizia missa em oratórios particulares, em lugares subterrâneos ou em cemitérios, celebrava-se em altares de madeira, como o era o altar em que o Príncipe dos Apóstolos celebrava o divino sacrifício, sendo sua figura como de um ataúde ou de uma arca oca. Este altar, em que celebrava São Pedro, mandou colocar o mesmo São Silvestre na igreja de Latrão, e proibiu que no futuro ninguém pudesse celebrar nele o santo sacrifício da missa senão só o Sumo Pontífice, legítimo sucessor de São Pedro: o que se observa hoje em dia, pois só o Papa diz missa naquele altar.

O Santo Crucifixo de Balaguer

Celebra-se com muita pompa tal dia como hoje na cidade de Balaguer, principado da Catalunha, a festa do Santo Crucifixo. Como chegou esta milagrosa imagem àquela cidade não se pôde achar auto que o diga. Mas se conserva na mesma igreja, onde hoje a têm, uma escritura antiga, a qual refere que chegou pelo rio Segre acima com grande luz e acompanhada de Anjos que cantavam as grandezas de Deus. E aqueles naturais têm por tradição que se deteve num escolho que ainda hoje aparece dentro da água e que, acudindo com procissão a cidade para tomá-la, a santa imagem se apartou pela água adentro; e que desceram também as monjas claustrais Franciscanas do Mata (que assim se chama o lugar onde está edificada sua casa) e se deixou receber pela abadessa; por cujo motivo a subiram a seu mosteiro, onde se conserva num suntuoso templo. Acodem a este santo Crucifixo, dito de Balaguer, não só de todos os povos da comarca, mas também de todas as nações do mundo, sendo visitado seu santuário como um dos mais insignes da cristandade; pois é sabido que faz Deus grandes prodígios, curando de muitas enfermidades a quantos com devoção lhe pedem amparo pela mediação desta santa imagem. É coisa antiquíssima e de grande devoção. (Domènech, *Santuarios de Cataluña*.)

Missa (oração)

A missa do dia é própria da festa, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nobis per singulos annos hujus sancti templi tui consecrationis reparas diem, et sacris semper mysteriis repræsentas incolumes: exaudi preces populi tui, et præsta; ut quisquis hoc templum beneficia petiturus ingreditur, cuncta se impetrasse lætetur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que cada ano renovais em nosso favor o dia da dedicação deste santo templo vosso e nos dais saúde para assistir a estes sagrados mistérios, ouvi benigno as orações de vosso povo e concedei-nos que todos os que entrarem neste templo a pedir-vos algum benefício tenham a ventura de alcançar o que vos pedem. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 21 do Apocalipse de São João.

Apocalipse 21,2-5

> **Latim:** [2] Et ego Joannes vidi sanctam civitatem Jerusalem novam descendentem de cælo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo. [3] Et audivi vocem magnam de throno dicentem : Ecce tabernaculum Dei cum hominibus, et habitabit cum eis. Et ipsi populus ejus erunt, et ipse Deus cum eis erit eorum Deus : [4] et absterget Deus omnem lacrimam ab oculis eorum : et mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt. [5] Et dixit qui sedebat in throno : Ecce nova facio omnia. Et dixit mihi : Scribe, quia hæc verba fidelissima sunt, et vera.

Português: [2] E eu João vi a cidade santa, a Jerusalem nova, que da parte de Deos descia do ceo, adornada como huma esposa ataviada para o seu esposo. [3] E ouvi huma grande voz vinda do throno, que dizia: Eis-aqui o tabernaculo de Deos com os homens, e elle habitará com elles. E elles serão o seu povo, e o mesmo Deos no meio d'elles será o seu Deos: [4] e Deos lhes enxugará todas as lagrimas de seus olhos: e não haverá mais morte, nem haverá mais choro, nem mais gritos, nem mais dor, porque as primeiras cousas são passadas. [5] Então o que estava assentado no throno disse: Eis-ahi faço eu novas todas as cousas. E elle me disse: Escreve, porque estas palavras são muito fiéis, e verdadeiras.

Reflexões

Este é o tabernáculo de Deus entre os homens; nele habitará com eles. Breve descrição do que são nossas igrejas: a casa do Deus vivo, seu palácio e seu sagrado trono. Com que religioso terror, com que devoção se deve entrar nelas! Será sempre necessário recorrer às superstições dos gentios para inspirar-nos o devido respeito a nossos templos? Vergonha é que os Cristãos tenham necessidade do exemplo dos infiéis para aprender a ser menos irreligiosos. A que fim pôr-nos continuamente diante dos olhos o turco em sua mesquita, o chinês em seu pagode, para que reconheçamos a modéstia e a circunspecção com que devemos estar no lugar santo? Pois quê! Não bastarão para inspirar-nos o mais reverente culto o corpo e sangue de nosso Redentor Jesus Cristo, que se apresenta em nossos altares, o incruento sacrifício de nosso Salvador, que neles se oferece, e a majestade do Deus vivo que vamos adorar em nossos templos? Temos necessidade de outra religião que a nossa para obrigar-nos a tributar ao Senhor a honra que merece? E não nos ensina bastantemente nossa fé este ponto capital de nossa Religião? Até nossa mesma razão tem trabalho em compor o que neste particular cremos com aquilo que praticamos, e nada confunde

mais o ânimo dos infiéis que ouvir o que creem os Cristãos acerca de nossos divinos mistérios e ver a indevoção com que concorrem a eles. Não há no mundo lugar tão santo nem tão respeitável como nossas igrejas; e talvez tampouco haja outro que seja mais profanado. Bem se pode dizer que toda a divindade habita nelas corporalmente, pois Jesus Cristo pôs na terra sua habitação; mas são muitos os que se deixam atrair de sua presença para adorá-lo? Toda a riqueza, toda a magnificência do templo da lei antiga não era mais que uma figura da majestade terrível e respeitosa dos nossos. Aquele Deus que por sua imensidade está presente em todas as partes faz-se como visível nos templos pelos benefícios que derrama e pelo culto especial que pede neles. Oferece-se em nossos altares o mais santo, o mais adorável que se ofereceu no monte Calvário: tudo o mais precioso, o mais sagrado que há no céu se acha milagrosamente encerrado em nossos templos, tronos das misericórdias de um Deus, tesouros de suas graças, teatros de seu poder sempre benéfico. Oh, quão digna é qualquer igreja do mais profundo respeito! Que homem, por pouca fé que tenha, poderá deixar de estremecer-se e até de irritar-se com uma santa indignação à vista da irreligião com que muitos se apresentam em nossos templos!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Lucas.

Lucas 19,1-10

> **Latim:** [1] Et ingressus perambulabat Jericho. [2] Et ecce vir nomine Zachæus : et hic princeps erat publicanorum, et ipse dives : [3] et quærebat videre Jesum, quis esset : et non poterat præ turba, quia statura pusillus erat. [4] Et præcurrens ascendit in arborem sycomorum ut videret eum : quia inde erat transiturus. [5] Et cum venisset ad locum, suspiciens Jesus vidit illum, et dixit ad eum : Zachæe, festinans descende : quia hodie in domo tua oportet me manere. [6] Et festinans descendit, et excepit illum gaudens. [7] Et cum viderent omnes, murmurabant, dicentes quod ad hominem peccatorem divertisset. [8] Stans autem Zachæus, dixit ad Dominum : Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus : et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum. [9] Ait Jesus ad eum : Quia hodie salus domui huic facta est : eo quod et ipse filius sit Abrahæ. [10] Venit enim Filius hominis quærere, et salvum facere quod perierat.

Português: [1] E TENDO entrado em Jericó, atravessava Jesus a cidade. [2] E vivia nella hum homem chamado Zaqueo: e era elle hum dos principaes entre os publicanos, e pessoa rica: [3] e procurava ver a Jesus, para saber quem era: e não no podia conseguir por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura. [4] E correndo a diante, subio a hum sycomório para o ver: porque por alli havia de passar. [5] E quando Jesus chegou áquelle lugar, levantando os olhos alli o vio, e lhe disse: Zaqueo, desce depressa: porque importa que eu fique hoje em tua casa. [6] E desceo elle a toda a

pressa, e recebeo-o gostoso. [7] E vendo isto todos, murmuravão, dizendo, que tinha hido hospedar-se em casa de hum homem peccador. [8] Entretanto Zaqueo posto na presença do Senhor, disse-lhe: Senhor, eu estou para dar aos pobres ame tade dos meus bens: e naquillo em que eu tiver defraudado a alguem, pagar-lho-hei quadruplicado. [9] Sobre o que lhe disse Jesus: Hoje entrou a salvação nesta casa: porque este tambem he filho de Abra hão. [10] Porque o Filho do homem veio buscar, e salvar o que tinha perecido.

Meditação

Do respeito com que se deve estar nas igrejas

Primeiro ponto

Considera que o templo de Salomão, onde mandava Deus que se entrasse com tanto respeito, não foi consagrado com tão santas e tão augustas cerimônias como se consagram hoje nossas igrejas. Não se celebravam nele os grandes mistérios que todos os dias se celebram em nossos altares: não fazia nele a função de sacerdote o Homem-Deus, sendo ele mesmo a vítima sacrificada e oferecida a seu eterno Pai. Não dava nele seu próprio sangue para lavar nossas culpas, nem sua mesma carne para sustentar nossas almas. Ofereciam-se na verdade naquele templo sacrifícios; mas quanto vai daqueles animais que se sacrificavam nele à divina vítima que cada dia e muitas vezes ao dia se oferece a Deus em nossas igrejas? Não se via ali um Deus sacrificado a um Deus, nem Deus se deixava conhecer sensivelmente senão em figura de uma nuvem que cobria o templo: não descia o céu à terra, nem a imensa majestade de Deus se reduzia real e verdadeiramente ao breve círculo de uma hóstia. Toda a santidade que o nascimento do Filho de Deus comunicou ao humilde estábulo de Belém; toda a que seu sangue comunicou ao monte Calvário e seu corpo à sepultura, toda se acha nas igrejas dos Cristãos; e se ao entrar nelas, ao achegar-se aos altares, não se sente aquele santo, aquele reverente terror que se experimenta quando se entra nos santuários mais veneráveis, tudo é falta de atenção. Mas, se se estivesse nelas sem modéstia, sem veneração e sem respeito, não será a abominação da desolação o colmo da impiedade e do escândalo? Coisa rara é que só no Cristianismo sejam profanados os templos pelos mesmos Cristãos e por aqueles que se chamam fiéis! Os infiéis e os gentios profanarão talvez os templos de uma religião estranha; mas nunca se verá que profanem os seus. Neles a ninguém é lícito voltar a cabeça nem falar uma só palavra. A menor irreverência tem pena de morte: a mais mínima falta de respeito se castiga com o último suplício. Mas há porventura sítio algum (por assim dizer) mais insolentemente profanado que o de nossas igrejas? Há lugar onde se guarde menos circunspecção e menos respeito? Os romanos profanaram o templo dos judeus; os gentios e os hereges profanaram nossas igrejas; mas estes mesmos hereges e estes mesmos gentios entram com toda a veneração, com toda a reverência possível em seus próprios templos, onde só se oferecem falsos sacrifícios ou só se fazem sacrílegas cerimônias. Sendo isto assim, a que infeliz estado nos vemos reduzidos os Católicos, bom Deus! Será possível que somente os templos da verdadeira Religião se vejam profanados, quando são tão respeitados os dos idólatras e

os dos hereges! É verdade que o demônio nem inquieta o pagão nos sacrifícios que oferece a seus ídolos e nas orações que lhes faz, nem distrai o herege num culto que se dirige a ele, quando faz tudo o possível para que os fiéis malogrem os meios de santificar-se que lhes facilitam seus templos. Mas quê! Havemos de seguir tão livre e cegamente as sugestões do demônio! Porque afinal, que coisa mais comum que a irreverência nas igrejas?

Segundo ponto

Considera se pode ser mais descarada ou se pode subir mais de ponto a impiedade. Será mister aguardar ao fim dos séculos para que se veja no lugar santo a abominação da desolação? Pois que outro nome se pode dar às irreverências que se cometem até ao mesmo pé dos altares e algumas vezes até enquanto se está celebrando o santo sacrifício da missa? Haverá no mundo pai algum tão pouco zeloso de sua autoridade que tolerasse a um filho seu estar em sua presença como o vê a sangue-frio estar em presença de Jesus Cristo? Haverá algum amo que sofra a um criado seu o que sofre Cristo à indevoção dos fiéis? A presença de um ídolo inspirava nos gentios uma circunspecção e um respeito que chegava a ser superstição: voltar a cabeça ligeiramente, pigarrear com estrondo irritava o sacrificador e acendia a cólera do príncipe. A menor postura não tão decente, um riso que se escapasse com um primeiro movimento, uma palavra não necessária e dita por ligeireza se reputava por delito. A ninguém era lícito sentar-se: tudo movia a respeito, tudo a dar bom exemplo. Vergonha é (não nego) repetir estes fatos e trazer tantas vezes estes exemplos à memória dos Cristãos; mas valha a verdade: como é possível deixar de recorrer a eles vendo todos os dias tanta irreligião e tanto escândalo em nossas igrejas? Cremos que nossos templos são o santuário da Divindade; consideramos nossos altares como o trono do Deus vivo; não se trata de sacrificar neles alguns animais; tampouco se duvida de que o sacrifício a que se assiste é o mais santo, o mais sagrado e o mais tremendo ato de nossa Religião: e no meio desta fé diz-se a missa sem devoção, sem modéstia e sem respeito! Assiste-se ao sacrifício da missa com indecência, quase sem religião e sem reverência! E depois nos admiramos de ver-nos afligidos com tantas calamidades! Admiramo-nos de que abandone Deus reinos inteiros ao erro e à irreligião! Admiramo-nos de que não sejam ouvidas nossas orações! Terríveis castigos de um Deus horrivelmente irritado! Mas justos castigos de nossas irreverências.

Gemo, Senhor, e me estremeço com a triste memória de minha indevoção no lugar santo: gemo e me estremeço ao lembrar-me de minhas inumeráveis irreverências; desde logo vos peço humildemente perdão e faço um firmíssimo propósito (que espero será eficaz com vossa divina graça) de reparar daqui em diante minha falta de respeito com uma devoção inteiramente nova e com tanta modéstia que ela mesma seja prova de minha Religião e de minha Fé.

Jaculatórias

Quão terrível é este lugar! Aqui está a casa de Deus e a porta do céu. (Gn 28.)

Já, Senhor, não entrarei jamais em vossa santa casa senão com um profundo respeito, para adorar-vos com religioso temor. (Sl 5.)

Propósitos

1. Não há no mundo lugar tão santo, tão respeitável e, acrescento, nem tão temível como nossas igrejas; mas tampouco há muitos que sejam mais escandalosa nem mais descaradamente profanados. Entre a gente de boa-criação, toda rusticidade, toda descortesia é um delito imperdoável no mundo: só a Jesus Cristo se trata com o maior desprezo em sua mesma casa. Parece que hoje em dia todos têm licença para perder-lhe o respeito, ou ao menos que a falta dele não é coisa que deva envergonhar a ninguém e que todo o mundo pode ser irreligioso, e até ímpio, sem perder nada por isso. Penetrado dos motivos que nossa Religião, e até a mesma razão natural, inspira à vista de tão espantosas irreverências, impõe-te uma lei de apresentar-te desde hoje nas igrejas com aquela decência cristã, com aquele religioso respeito e com aquela exemplar modéstia que deve ser o distintivo de todos os verdadeiros fiéis, como também de jamais falar nelas. Se te achares na precisão de dizer alguma coisa, seja tão brevemente, com voz tão submissa e de um modo tão reverente que mostre bem o profundo respeito e o santo terror que te inspira o sagrado sítio em que estás. Nunca estejas em pé senão quando o pedem as cerimônias da Igreja. Se tua idade ou teus achaques não te permitem estar de joelhos, senta-te em postura humilde e religiosa. Sempre se há de concorrer às igrejas para santificar-se a si e para edificar a outros.

2. Uma das causas de onde provém a irreverência nas igrejas tem sua origem quase desde o mesmo berço, e é bem estranho que não se repare e não nos choque um abuso tão comum que vai crescendo com a idade. Levam-se à igreja as crianças quando não são capazes de compreender a santidade do lugar em que estão nem do divino sacrifício a que assistem. Dá-se-lhes liberdade para obrar em tudo como crianças, para correr, enredar, gritar, e algumas vezes com mais licença que se lhes permitiria em casa de seus pais ou numa visita. Este irreligioso costume se fortifica e cresce com os anos. Acostumam-se a olhar a igreja como uma casa particular e puramente secular. A razão não corrige a irreligião, porque já se fez costume. Nunca se lhes repreendeu isto quando crianças; por isso, quando mais adiantados em idade, não são mais devotos, mais modestos nem mais contidos. Antes sua indevoção, quando já adultos, adianta-se ao costume contraído desde a infância de estar na igreja sem modéstia, sem circunspecção e sem respeito. Remedeia este dano e não toleres jamais que a teus filhos se acostumem a semelhantes irreverências. Não se condena que se levem as crianças às igrejas desde a terna idade; mas é necessário inspirar-lhes desde logo o respeito e o religioso temor com que devem estar nelas, sem dissimular-lhes nunca a menor irreverência. O mesmo se deve fazer com os criados, ensinando-lhes neste ponto mais com os exemplos que com as palavras. É uma matéria em que não cabe excesso de severidade nem de delicadeza, e os pais e mestres terão que dar a Deus terrível conta neste particular.

[^1]: Como os antigos cristãos, por via de regra, voltavam o rosto para o Oriente para orar, em mostra da esperança da ressurreição, assim as igrejas se construíam por via de regra com o altar-mor para o Oriente e o frontispício ou entrada principal para o Ocidente, segundo o dispunham as constituições apostólicas (liv. 2, cap. 57). Esta regra, contudo, admitia suas exceções, segundo o

requeria a conveniência ou a necessidade, como nos diz Bona (*Lit.*, liv. 1, cap. 20, n. 4). Nota Sócrates que na igreja maior de Antioquia não olhava o altar para o Oriente, segundo era costume, mas para o Ocidente (Sócr., liv. 5, cap. 22). As antigas igrejas tinham um átrio cercado de paredes; por via de regra diante das portas uma fonte ou cisterna, nas quais as pessoas que iam à igreja lavavam pés e mãos antes de entrar nela, como em mostra da purificação interior da alma (Tertuliano, *De oratione*, cap. 14; São Paulino, ep. 42, etc.). Antes da entrada havia um pórtico e um pátio a céu aberto, onde se punha a primeira classe de penitentes, e por via de regra aos lados claustros levantados com colunas. O concílio de Nantes do ano de 658 concedeu que se enterrassem os mortos dentro do átrio da igreja, no pórtico ou *exedra*, mas de nenhum modo dentro da igreja (cap. 6). As partes interiores da igreja dispunham-se antigamente do modo seguinte: a parte primeira se chamava *Narthex*, perto das portas, até onde eram admitidos os catecúmenos e penitentes chamados *Audientes*; depois estava a *Naos* ou nave, corpo da igreja, onde oravam os leigos, e em seu centro se colocavam os penitentes chamados *substracti*; e no meio o *Ambo* ou púlpito, grande, bastante e espaçoso, de modo que pudesse conter um número competente de leitores ou cantores: porque os bispos por via de regra pregavam desde as grades do altar, ainda que São Crisóstomo preferia as mais vezes o Ambo (veja-se Valésio sobre Sócr., liv. 6, cap. 5). Sobre o Ambo estava a quarta classe de penitentes chamados *Consistentes*; os leigos todos também em separados sítios segundo seus sexos: por via de regra as mulheres em ambos os lados atrás dos homens (*Constit. Apost.*, liv. 2, cap. 57; São Cirilo, *Præf. Catech.*, cap. 8; São Crisóstomo, hom. 74 sobre Mateus; Santo Agostinho, *De civ.*, liv. 2, cap. 28). Até a imperatriz Helena se sujeitou a esta disciplina, orando entre as demais mulheres (Sócr., liv. 1, cap. 17); e o mesmo costume restabeleceu São Carlos Borromeu. O imperador em Milão e no Oriente orava dentro do cancelo, até que Teodósio foi repreendido disso por Santo Ambrósio de Milão; desde cujo tempo tinham os imperadores seu sólio ou trono em Santa Sofia na parte superior do departamento dos homens, próximo ao cancelo, e a imperatriz no das mulheres (Sozomeno, liv. 7, cap. 25). O *Bema*, santuário ou coro (chamado por nós cancelo, por estar separado do demais com cancelos ou grades, e uma espécie de cortina estendida diante da porta) continha o altar, e por trás dele o *Thronos*, ou trono do bispo e presbíteros, por via de regra no mais alto dele, que formava um semicírculo chamado *Apsis*. A cortina ou véu diante das portas do cancelo impedia a vista do altar aos catecúmenos e infiéis e cobria o sacrifício da Eucaristia ao tempo da consagração. Sobre isto diz São Crisóstomo (hom. 3 sobre Efésios): «Quando se manifesta o sacrifício, quando Cristo, cordeiro de Deus, é oferecido, quando ouvis o sinal que se vos faz, juntai-vos todos a orar; quando virdes descorrido o véu, persuadi-vos de que se abrem os céus e de que os Anjos descem das alturas.» A palavra Altar ou Ara é usada por Santo Inácio (ep. ad Ephes., n. 1; ad Trall., n. 7; ad Philad., n. 4; ad Magn., n. 7); por Santo Ireneu (liv. 4, cap. 34); Orígenes (hom. 10 sobre Núm.); São Cipriano repetidas vezes; Santo Optato, Santo Agostinho, São Crisóstomo, etc.; ainda que este último o chama mais comumente mesa mística, ou tremenda mesa. Os altares no princípio foram de madeira (Santo Optato, liv. 6). Alguns dizem que São Silvestre mandou que fossem todos de pedra. Isto ao menos o encarregou muito o Concílio de Epaone, na França, no ano de 506 (can. 26). São Gregório de Nissa os descreve de pedra. *Ciborium*, palavra grega em sua origem, foi usada antigamente pelos gregos para significar um dossel magnífico de figura espiral, pendente sobre o altar entre quatro colunas, e o remate concluindo em figura de uma torrezinha, como demonstra Du Cange (*Not. in Paul. Silent.*, pág. 569) contra Durando e alguns outros, que creem ter sempre significado a *pyxis* em que se guardava a Eucaristia, para o que se usou muito comumente. O santíssimo Sacramento se reservava antigamente numa pomba de prata pendurada sobre a ara, chamada pelos gregos *peristerion*; ou bem numa urna decente a curta distância do

altar, ou armário, segundo se chama nas antigas abadias, etc. O segundo concílio de Tours do ano 567 mandou que se reservasse numa arca ou *pyxis* debaixo da cruz do altar ou ara. Os Batistérios eram uns edifícios exteriores, mas dentro do átrio da igreja, muito espaçosos, como se mostra pelas igrejas de Constantino e por Paulino, São Cirilo, Sidônio, Santo Ambrósio e outros. Tudo isto continuou até o século VI em rígida observância.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:32 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:32 by Admin